

SELETA

ALBERTO TORRES E OLIVEIRA VIANA

Barbosa LIMA SOBRINHO

Alberto Torres não procurava elogios. Queria compreensão. Seus livros, impressos na Imprensa Nacional, não tinham editor, nem distribuição organizada. Eram, na sua grande maioria, oferecidos pelo próprio autor, com dedicatórias generosas, não raro acompanhadas de cartas, em que explicava o objetivo dos livros e pedia, não louvores, mas a leitura atenta que lhe parecia o maior de todos os prêmios.

Os meios políticos o ignoravam, quando não se riam dele. Consideravam-no como um homem público que se dava ao luxo de ter idéias, de defender doutrinas, de sustentar princípios. Porque a Política exigia uma disponibilidade total, a do homem que se presta a tudo e que defende tudo, no interesse dos grupos a que se filiou.

Dentro dessa realidade da vida política nacional, o verdadeiro político, aquele que cogita do êxito de sua carreira, é o que não tem nenhuma idéia ou que é capaz de sentir sempre o mesmo devotamento pelas idéias dos governantes, por mais que se oponham às idéias que defendera anteriormente no partido a que pertenciam ou a que pertencem todos os políticos brasileiros - ou quase todos: o Partido das cabeças vazias. O partido que sabe que a intransigência do homem público, ou o apego a idéias duradouras, são como parcéis numa navegação perigosa, em que muitas carreiras políticas naufragam para sempre. E Alberto Torres já deixara perceber essa contra-indicação para a vida política. Tanto bastava para que o largassem de vez nos desvios, que ele próprio havia procurado.

O mais importante de seus leitores e comentadores, nessa primeira fase, foi um homem, como ele, nascido na velha província fluminense, um

homem de Saquarema. Chamava-se Francisco José de Oliveira Viana. Dezoito anos mais moço, mas não menos apaixonado pelos temas sociais, como que tocado pelo espetáculo que a crise do café exibia no Rio de Janeiro, abalando-lhe a estrutura social.

Conheceram-se através de artigos de jornal. O primeiro livro de Oliveira Viana só apareceria depois da morte de Alberto Torres, com uma repercussão aliás maior que a dos livros de Alberto Torres. Era o primeiro volume das **Populações meridionais do Brasil**, publicado em 1922. A **Organização Nacional**, de Alberto Torres, surgira quando Oliveira Viana mantinha colaboração regular em "O País". E o fluminense de Saquarema recebia o livro de seu eminente conterrâneo com um artigo que, dado o feitio do comentador, poderia ser tido como entusiástico. Era de 13 de abril de 1914 o artigo intitulado "O Sr. Alberto Torres e os seus Ensaios". Saía pouco depois da publicação do livro de Alberto Torres. E começava recordando que, quando Aluizio Azevedo apareceu, "com a novidade de seus romances naturalistas, gritaram daqui: romancista ao norte! Nós também podemos dizer, com o aparecimento dos recentes ensaios do Sr. Alberto Torres: pensador ao sul! Porque, realmente, estamos diante de um desses belos espíritos, cujas capacidades reflexivas indicam um verdadeiro pensador. Pela segurança, pela severidade, pela amplitude de seu pensamento, ele pode ser classificado, sem favor, nesta categoria de eleitos". Observava ainda que "o sr. Alberto Torres é, entre nós, um dos poucos egressos da política, um dos poucos que, depois de se contaminarem com os miasmas dessa terrível malária sul-americana, não sentiram mais a nostalgia dos paus que a elaboram".

Oliveira Viana aproveitou mais tarde esses artigos de "**O País**" no livro **Problemas de Política Objetiva**, editado pela Companhia Editora Nacional em 1930, em São Paulo. Nesse mesmo livro se incluíam outros artigos que ele havia publicado a respeito de "o problema da revisão", analisando as idéias de Alberto Torres. Todos refundidos e em parte modificados no livro que os reuniu. Todos haviam saído inicialmente nas colunas de "O País". No primeiro deles, Oliveira Viana estudava a figura do pensador fluminense. Não esquecia o comentador um velho desdém pelos "republicanos históricos", entre os quais se colocaria Alberto Torres. Para Oliveira Viana, alguns desses republicanos históricos eram "fatais e platonicamente truculentos, como o Sr. Gomes de Castro; outros românticos e elegíacos, como o Sr. Lauro Sodré; outros ainda solenes e entusiastas, como o Sr. Coelho Lisboa; e ainda outros brilhantes e canoros, como o Sr. Lopes Trovão. Mas apenas isso".

Oliveira Viana invocava Taine para caracterizar, nos "republicanos históricos", uma "metafísica de pedantes, declamada com uma ênfase de

energúmenos". Considerava, porém, Alberto Torres uma exceção, nesse grupo dos "históricos". Causavam-lhe espanto encontrá-lo com idéias tão justas e tão atuais. Para ele, Oliveira Viana, Alberto Torres era o único pensador nacional. Outros podiam ser polígrafos, filósofos, cientistas, historiadores, eruditos e investigadores. Alberto Torres, porém, era pensador. Embora companheiro de Silva Jardim e de Patrocínio, nas lutas do abolicionismo e da propaganda republicana, seu espírito não se esterilizara no culto das grandes frases sonoras e inanes.

Analysava e louvava Oliveira Viana a passagem de Alberto Torres pelo Supremo Tribunal Federal, assinalando a importância que o exercício desse cargo tivera na evolução intelectual de Alberto Torres e no alargamento do seu campo de experiência. Reconhecia Oliveira Viana no autor de **A Organização Nacional**, um "estilo de pensador, pela austeridade, e de artista, pela nobreza e, sobretudo, um gosto literário difícil de encontrar entre os nossos políticos e cientistas que se tornam homens de letras". Mas fazia também um reparo justo: o de certo hermetismo de estilo, "de modo que é preciso lê-lo uma segunda vez para lhe apreender bem as idéias - e só então o seu pensamento nos aparece nas vastas linhas do seu conjunto, nos seus amplos e nobres contornos". O que talvez se devesse menos à obscuridade da exposição do que ao enredo dos períodos, com as suas orações desdobradas em inumeráveis complementos, em meio de uma floresta de vírgulas, de pontos e vírgulas, de dois pontos e de travessões, que tornam difícil seguir a idéia principal, embora não haja nada inútil ou perdido, no travejamento da frase, a que nunca faltam nem compostura, nem dignidade, nem mesmo elegância, embora um pouco solene e severa. Por isso é que Oliveira Viana sentia no estilo de Alberto Torres a qualidade de um "escritor complexo", "em que o pensamento não se destaca, desde logo, nítido e vivo, dentro de sua forma verbal; mas se conserva uma em todo o curso da exposição e se vai desvelando aos poucos, lentamente, como uma mancha, à medida que os períodos prosseguem a sua marcha tranqüila".

Os pontos de aproximação entre as idéias de Alberto Torres e as de Oliveira Viana eram realmente numerosos; as discordâncias escassas e, em geral, resultantes menos de divergências quanto à substância das idéias do que de certo radicalismo e de certa veemência com que Oliveira Viana as considerava. O autor das **Populações Meridionais** não aceitava a intangibilidade da Constituição de 1891 e se incorporava, de coração, à campanha revisionista de Alberto Torres. Mas exagerava no despreço pelos "republicanos históricos", que ele nos descrevia com alguns traços de caricatura, enquanto Alberto Torres não perdia a serenidade e, mesmo discordando do texto da Carta,

continuava a fazer justiça a companheiros, que, como ele, haviam formado seu espírito noutra época e em face de outras realidades ou sob a pressão de outra conjuntura.

Alberto Torres fazia restrições à ortodoxia democrática e à eficácia do sufrágio universal, mas sem condenar de todo essas soluções que deviam ser consideradas, não apenas em face de seus defeitos intrínsecos, como diante dos defeitos intrínsecos das fórmulas apresentadas como sucedâneos ou substituição. Procurava, assim, conciliar o sufrágio universal com algumas aplicações do corporativismo e da representação profissional.

Oliveira Viana, sobretudo depois do advento do fascismo na Itália, deixara-se arrebatar pelas supostas virtudes do corporativismo, até o ponto de estranhar que Alberto Torres ainda admitisse o sufrágio universal no seu projeto de Constituição, "sem grande razão", advertia Oliveira Viana. Mais perto de Le Play do que Alberto Torres, Oliveira Viana não escondia uma espécie de antipatia pessoal contra a Revolução Francesa, de que nunca chegou a perceber o aspecto mundial, na concordância com um movimento de idéias que se fazia sentir por toda a parte, desde o último quartel do século XVIII. Alberto Torres não se mostrava tão refratário, em face da Revolução Francesa, com a qual se entendia muito bem, na justificação e defesa dos direitos individuais, assim como na exaltação da liberdade. Oliveira Viana procurava reduzir a causa da liberdade a um pleito em favor da liberdade civil, como se fosse possível a liberdade civil sem a liberdade política. A História se encarrega de nos demonstrar como a expansão e o fortalecimento da liberdade política veio a preparar o terreno para a liberdade civil. Que valem, por exemplo, a inviolabilidade do lar e os direitos que ela pressupõe, quando não se respeita, ou não existe a liberdade política? Que vale a liberdade individual no Estado totalitário, onde o direito de prender e de castigar se reduz à vontade e ao arbítrio da autoridade? E sem essas duas liberdades, de substância predominantemente política, a liberdade civil é uma irrisão.

Divergências restritas, e que não avultam no quadro geral. Porque Alberto Torres e Oliveira Viana se juntavam de todo na apreciação dos males e dos exageros do estadualismo. Como na defesa de um Poder Coordenador que se colocasse acima dos demais poderes do Estado, para uma função de equilíbrio e de ajustamento de todo o sistema. Como no reconhecimento da importância da hierarquia na construção do Estado. Como na crítica aos males de uma sociedade, a que faltavam a consciência do grupo, os vínculos de unidade, o sentimento dos grandes deveres públicos. Como na observação dos defeitos de uma tendência teorizante, arvorada em orientação política para todo o País. Como na descrição das tendências e realidades políticas do País,

quando a "vegetação da caudilhagem", a que Alberto Torres se reportava, acabava confundida com a influência dos clãs pessoais que Oliveira Viana descrevera magistralmente.

Mas em todos esses aspectos, Oliveira Viana se mostrava mais extremado e mais intransigente. Substituiu o que havia de impessoal e equilibrado em Alberto Torres por uma linguagem veemente e uma tendência sarcástica que não raro concorria para a distorção de seus comentários, evadidos de um sentido caricatural, incompatível com a posição e a autoridade do sociólogo. Havia também, em Oliveira Viana, alguma coisa de desalento e de pessimismo. Não confiava no homem brasileiro. Deixara-se aprisionar pelo preconceito de raças e aceitara, em relação aos mestiços, doutrinas estrangeiras que não passavam, no caso brasileiro, de manifestações teorizantes, como tantas outras que ele profligava. Já Alberto Torres, libertando-se de todos esses preconceitos, manifestava sua confiança do homem brasileiro, confiança no futuro e um otimismo tranqüilo com os seus alicerces firmados na realidade nacional.

Onde, porém, o acordo era completo entre os dois escritores, era na exaltação do nacionalismo, que Alberto Torres pregara e a que Oliveira Viana levava sua adesão entusiástica. "Em frente a nós, do outro lado do oceano", escrevia Oliveira Viana, "e ao lado de nós, ao norte do continente, vivem e crescem povos fortes, expansivos, intrépidos, agressivos e cúpidos, crendo profundamente na própria superioridade e hasteando bandeiras de imperialismo e conquista. Conscientes da nossa incapacidade e atribuindo-se a si mesmos uma alta missão civilizadora, esses povos robustos e varonis, cheios de disciplina, cheios de organização, cheios de dinheiro e de força e com essa pletera de instintos predatórios das raças fortes, estão dispostos a valorizar, pela diplomacia da força, essas riquezas tropicais, inestimáveis aos seus olhos e que nós não sabemos, pela nossa indolência, pelo nosso descaso, pela nossa desorganização geral, utilizar".

E parece que estamos a ler o próprio Alberto Torres quando Oliveira Viana escreve que o que "torna este perigo mais temível para nós é o fato de que nessa luta, a que não podemos fugir, contra essas forças colossais, a nossa nacionalidade se apresenta fragílissima, inteiramente desaparelhada das garantias mais elementares para uma resistência vitoriosa: sem solidariedade moral, sem coesão nacional, sem organização coletiva, sem uma consciência forte, clara, definida da sua própria situação e dos seus próprios destinos. O nosso instinto de conservação coletiva nos está a sugerir, a avisar, a impor a todos nós, principalmente aos nossos dirigentes, aos nossos estadistas, aos nossos "responsáveis", à sua consciência, à sua sinceridade, à fidelidade do

seu patriotismo, a urgência imperativa de uma atitude nova, no sentido de uma política de preservação e reparo, de prevenção e resguardo de nós mesmos, as nossas riquezas, da nossa integridade, da nossa própria existência nacional".

Esse o programa de coordenação, de construção, de consolidação interna da própria nacionalidade, a que Oliveira Viana soube dar a sua adesão, sem restrições. E, no seu entender, o de que precisava "esta política nacionalista de Torres, tão racional, tão positiva, tão prática, tão patriótica", era tão-somente de "encontrar vozes novas e ardentes, no seio das nossas elites, capazes de lhe dar o que o feitiço grave do seu autor não lhe pôde dar com vantagem: permeabilidade, difusibilidade, popularidade, em suma. Torres é um escritor lúcido, harmonioso, claríssimo; mas como pensador é profundo e severo demais para a familiaridade das nossas maiorias letradas".

Como se vê, havia uma completa identificação entre os dois pensadores, em alguns pontos capitais das teorias que defenderam. A presença de Alberto Torres é a presença dominante na obra de Oliveira Viana. "Presença" e não "influência". O problema da influência é muito complexo e exigiria provas que não prescindiriam das confissões do escritor e de uma análise documental e psicológica minuciosa e precisa. Não somos dos que subestimam a autonomia dos escritores e temos horror à preocupação de procurar subordinação e passividade, onde não costuma haver senão semelhança de aproximação de pensamentos.

Estou entre os que acreditam que Alberto Torres valeu, para Oliveira Viana, pela abnegação, pelo devotamento cívico, pelo idealismo exemplar, como um grande estímulo, o maior estímulo que ele encontrou, para a sua realização como escritor e sociólogo. A presença de Alberto Torres na obra de Oliveira Viana não se limita à aproximação de idéias, de métodos e de preocupações doutrinárias, na observação das realidades brasileiras ou na veemência do sentimento nacional. Sente-se essa presença em **Populações meridionais do Brasil**, nos **Pequenos estudos de psicologia social** e, sobretudo, em **O idealismo na evolução política do Império e da República**, em **O idealismo da Constituição**, em **O ocaso do Império**, para não falar em **Problemas de política objetiva**, em que discute e exalta as idéias de Alberto Torres.

Já nos artigos de "O País", Oliveira Viana classificava Alberto Torres na "geração nova" do Brasil, como uma figura culminante. Citando Nabuco, Tavares Bastos, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Araripe Júnior, e ainda Rui, Veríssimo, João Ribeiro, Oliveira Lima, diz que nenhum deles, como Alberto Torres, "revelou uma visão mais complexiva e mais brasileira da nossa vida íntima do povo; nenhum, como ele, chegou a sínteses tão completas e altas sobre a nossa nacionalidade; nenhum, como ele, consolidou um tão vasto

corpo de conclusões positivas, práticas, experimentais sobre a verdadeira orientação da nossa política e dos nossos governos". Era o reconhecimento de uma liderança que ele mais tarde confessaria a estudantes de Campos que o convidavam, depois da publicação das **Populações meridionais do Brasil** para lhes servir de mentor, num movimento que se denominaria, por isso mesmo, de "vianista". E Oliveira Viana lhes respondia propondo que se adotasse a denominação de "torreano", como homenagem ao verdadeiro inspirador do movimento de coordenação e restauração nacional do Brasil.

O próprio Oliveira Viana nos contaria depois, no prefácio ao livro de Alcides Gentil, **As idéias de Alberto Torres**, as impressões de seu convívio com o mestre de **A Organização nacional**. E escrevia que "nas sessões semanais da sua casa de Copacabana e, depois, das Laranjeiras, os discípulos que sentavam em torno do Mestre não chegavam, penso eu, à metade dos que seguiam Jesus pelas estradas da Galiléia: Gentil, Saboia Lima, Porfirio Neto, Antônio Torres, Carlos Pontes, Mendonça Pinto e eu, o menos freqüente e o mais esquivo de todos e, talvez o que tivesse maiores pontos de dissidência com o pensamento de Torres. Nessas sessões, às segundas-feiras, era Torres, em regra, quem falava; nós ouvíamos, limitando-nos, uma vez ou outra, a aproveitar a oportunidade, aliás rara, que se abria para interferir com um aparte. Torres tinha uma palavra fácil, colorida, vibrante, fluentíssima, de uma fluência quase incontida e incoercível. Falava alto, em tons oratórios, como se estivesse em estado permanente de exaltação. Uma das coisas que mais me impressionavam em Torres, nestas palestras feitas ao modo de discursos, era a facilidade, mais do que isso, a segurança absoluta com que ele, depois de pontilhar a sua exposição com uma série de interrupções, digressões e devaneios incidentes, voltava ao tópico inicial, retomando o fio do raciocínio inconcluído, para continuar o seu pensamento, expondo-o com lucidez perfeita e ardente, exatamente como sempre."

"Do seu convívio", acrescentava Oliveira Viana, "eu não recebi apenas a impressão de uma das mais poderosas e surpreendentes organizações intelectuais de nossa raça; mas, principalmente, a impressão de uma das mais nobres consciências cívicas que tenho até agora conhecido. Ninguém poderá imaginar, a não ser nós, que vivíamos dentro de sua afeição, e recebíamos as suas confidências, ninguém poderá imaginar o que havia de sinceridade, de devoção, de abnegação, de patriotismo exaltado e puro nesse tipo de perfeito cidadão que era Torres. Este homem, dotado de uma sensibilidade quase mística, fez-se uma espécie de caixa de ressonância de todas as agonias e tristezas de sua pátria. A golpe vibrado contra as leis, o direito, os interesses nacionais pelos políticos desalmados que governavam (ou desgovernavam)

o País, eu o via sofrer não apenas moralmente, agitar-se, exaltar-se, indignar-se, ou cair em estado de desânimo irritado, que lhe ia abalando, aos poucos, a saúde e acabou arrebatando-lhe a vida. Ah! como os políticos fizeram sofrer a Torres! Que testemunho posso eu dar de como esses tremendos egoístas o fizeram consumir-se lentamente!"

(Presença de Alberto Torres: sua vida e pensamento, pp. 458-468. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. (Col. "Retratos do Brasil", v. 62).